



# Cessar-fogo sob ameaça

Israel vota a atacar posições do movimento fundamentalista xiita Hezbollah, no sul do Líbano, um dia depois do anúncio da prorrogação da trégua em três semanas. Irã e Estados Unidos preparam retomada de negociações

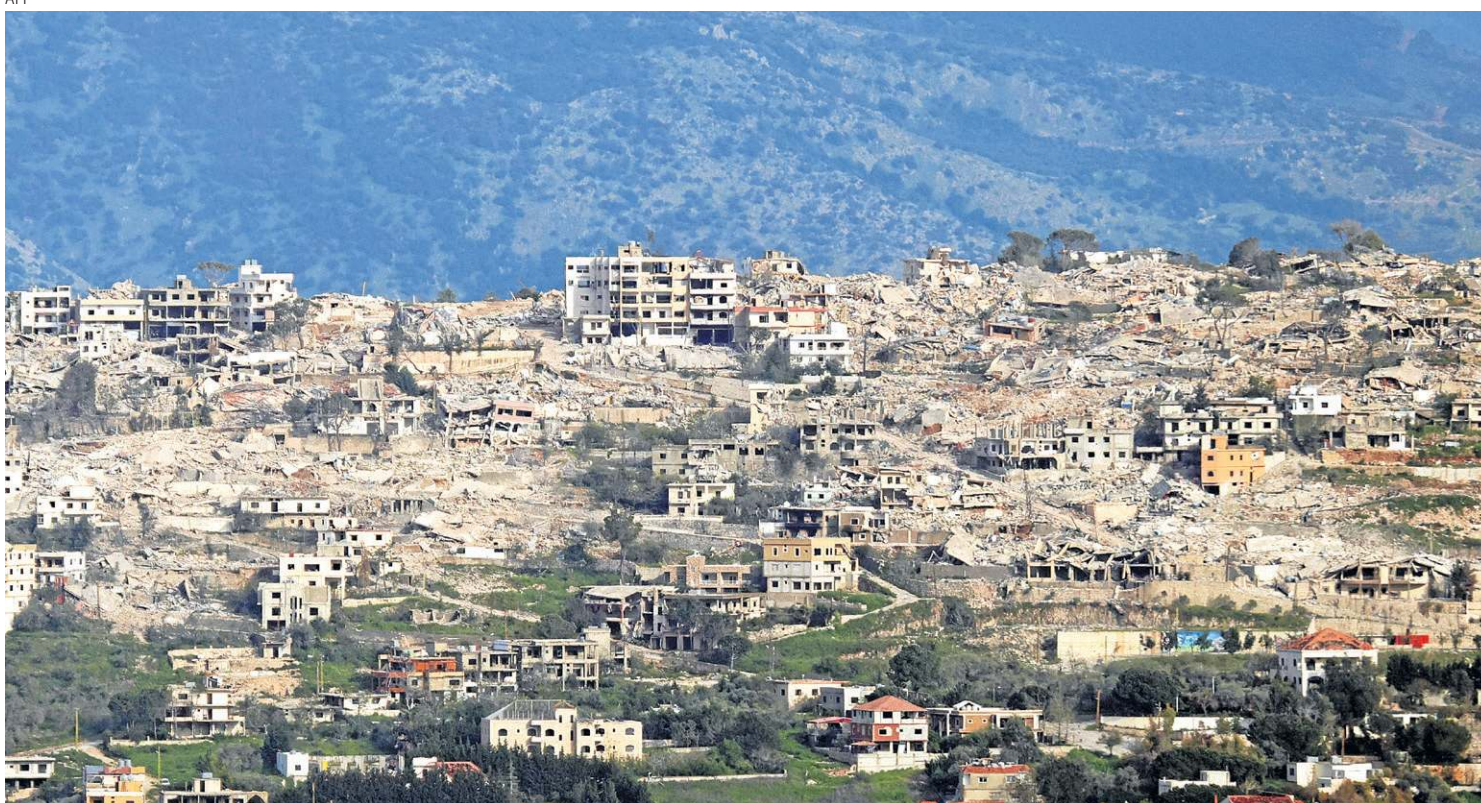
» RODRIGO CRAVEIRO

No dia em que Irã e Estados Unidos anunciaram que retomarão as negociações, em Islamabad (capital do Paquistão), as Forças de Defesa de Israel (IDF) tomaram a atacar o sul do Líbano. O Exército israelense afirma ter eliminado seis combatentes do movimento fundamentalista xiita Hezbollah, em Bint Jbeil, durante um suposto ataque a tiros. A região foi palco de intensos combates antes do frágil cessar-fogo, que passou a vigorar em 17 de abril e foi violado apenas uma semana depois.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, acusou o Hezbollah de "tentar sabotar" o cessar-fogo. "Iniciamos um processo para alcançar uma paz histórica entre Israel e Líbano e nos parece evidente que o Hezbollah tenta sabotá-lo", disse o chefe de governo. Na quinta-feira, os dois países tinham prolongado a trégua por três semanas. O Hezbollah instou o Estado libanês, a "se retirar das negociações diretas com Israel". Chefe do bloco parlamentar do grupo no Líbano, Mohammad Raad advertiu que qualquer encontro entre representantes dos dois países não teria o "consenso nacional libanês".

Nicholas Blanford, especialista em Hezbollah pelo instituto de pesquisas Atlantic Council baseado em Beirute, afirmou ao **Correio** que Israel tem bombardeado o Líbano desde o começo do cessar-fogo. "Isso ocorre tanto dentro da área sob seu controle quanto fora dela. Isso é semelhante — em menor escala — ao que os

AFP



Destrução no vilarejo de Kham, no sul do Líbano: aviação israelense busca neutralizar ataques do Hezbollah ao norte de Israel

israelenses fizeram nos 15 meses após o cessar-fogo anterior, em novembro de 2024", disse.

O estudioso vê as chances de um acordo duradouro ou de pacto de paz completa entre Israel e Líbano como algo muito remoto. "Os dois lados estão muito distantes um do outro. Israel quer o desarmamento do Hezbollah. O Estado libanês também deseja o desarmamento do Hezbollah, mas não tem poder político para isso", observou Blanford. "O melhor que ambos os lados podem alcançar neste

momento é um acordo para uma cessação das hostilidades a curto ou médio prazo, com algumas garantias de segurança."

## Nova rodada

Teerã e Washington pretendem retomar em breve as tratativas para encerrar o conflito no Oriente Médio. O governo do Paquistão informou que o enviado iraniano, Abbas Araghchi, ministro das Relações Exteriores, está em

Islamabad. Por sua vez, Karoline Leavitt, porta-voz da Casa Branca, informou que Steve Witkoff, enviado especial ao Oriente Médio, e Jared Kushner, genro do presidente Donald Trump, viajarão hoje para Islamabad. "Posso confirmar que o enviado especial Witkoff e Jared Kushner partirão novamente rumo ao Paquistão amanhã (hoje) de manhã para iniciar conversas... com representantes da delegação iraniana", disse Leavitt. O desfalque dessa vez será o do vice-presidente

J.D. Vance, que liderou a comitiva na primeira rodada de diálogo.

Ontem, a União Europeia apelou a iranianos e americanos pela reabertura do Estreito de Ormuz e considerou a medida "vital" para o mundo. "O Estreito de Ormuz deve ser reaberto imediatamente, sem restrições e sem cobrança de pedágio, em pleno respeito ao direito internacional e ao princípio da liberdade de navegação", disse António Costa, presidente do Conselho Europeu, após tratativas com líderes regionais.

Iliya Yerfimovich/AFP



## Netanyahu removeu tumor de próstata

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, divulgou com atraso seu boletim médico anual, o qual indica que os médicos removeram com sucesso um pequeno "tumor maligno em estágio inicial" de sua próstata. Em publicação na rede social X, o líder israelense, de 76 anos, observou que passou por uma cirurgia bem-sucedida há 18 meses para tratar "um aumento benigno da próstata". "Durante meu último exame médico, uma pequena mancha de menos de um centímetro foi detectada em minha próstata. Os exames confirmaram que se tratava de um tumor maligno em estágio muito inicial, sem sinais de metástase", declarou. Netanyahu acrescentou que passou por um "tratamento específico que eliminou o problema e não deixou rastros", sem especificar quando. Segundo seu gabinete na época, o primeiro-ministro realizou uma "colonoscopia de rotina" em um hospital de Jerusalém em maio do ano passado.

## ESTADOS UNIDOS

# Justiça restabelece o pelotão de fuzilamento

Em linha com a determinação do presidente Donald Trump de retomar a aplicação da pena de morte para crime de alçada federal, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos anunciou ontem que os pelotões de fuzilamento voltarão a ser usados em execuções, ao lado de métodos como o gás letal e a eletrocussão. A sentença capital é mais aplicada, no país, para condenados por

tribunais estaduais, mas o governo da União também pode solicitá-la para alguns casos.

"A administração anterior descumpriu o dever de proteger o povo americano ao se recusar a solicitar e implementar a punição máxima contra os criminosos mais perigosos, incluindo terroristas, assassinos de crianças e assassinos de policiais", declarou o procurador-geral interino,

Todd Blanche. Em seu primeiro mandato na Casa Branca encerrado em janeiro de 2021, Trump pôs fim a uma moratória de 17 anos nas execuções federais e autorizou 13 por injeção letal nos seis meses finais — número que supera o de qualquer outro presidente nos 120 anos anteriores.

Antes de deixar a Casa Branca, em janeiro de 2025, para dar posse a Trump em seu retorno à presidência,

o democrata Joe Biden, opositor da pena capital, comutou a sentença de morte de 37 dos 40 detentos condenados a ela em nível federal. Biden manteve as execuções de um dos autores do atentado à maratona de Boston de 2013, de um homem armado que assassinou 11 fiéis judeus, em 2018, e de um supremacista branco que matou nove fiéis negros em uma igreja, em 2015.

"O Departamento de Justiça volta a fazer cumprir a lei e a se posicionar ao lado das vítimas", disse Blanche em um comunicado.

## Métodos

Atualmente, cinco estados americanos autorizam o pelotão de fuzilamento para execuções, mas apenas a Carolina do Sul utilizou o método nos

últimos anos. Nove estados permitem a eletrocussão, mas ela não é usada desde 2020. Dois estados executaram recentemente detentos por meio de hipóxia de nitrogênio, que consiste em bombear gás nitrogênio para uma máscara, provocando a asfixia.

A pena de morte foi abolida em 23 das 50 unidades federativas dos EUA. Outros três — Califórnia, Oregon e Pensilvânia — mantêm moratórias nas execuções.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Eleição aponta para o fim da "química"

O governo brasileiro optou pela reciprocidade na resposta à expulsão dos EUA de um delegado da Polícia Federal que fazia ponte com o ICE, a "tropa de choque" anti-imigração, e teve papel na breve detenção do deputado bolsonarista (e também policial) Alexandre Ramagem (PL-RJ). Na mão oposta, deixou o país um funcionário norte-americano que fazia enlace com a PF.

Não apenas por ter como pivô um foragido da Justiça brasileira, condenado por envolvimento com a tentativa de golpe de janeiro de 2023, o episódio parece associado aos primeiros lances da campanha pelo Planalto. E se segue a uma subida de tom do presidente Lula nas críticas ao colega norte-americano. Sobretudo, por conta da guerra contra o Irã e da ofensiva de Israel no Líbano.

De parte a parte, escaramuças se

sucedem entre o Planalto/Itamaraty e a Casa Branca. À medida que a eleição se aproxima e a disputa se acirra, a "química" pessoal celebrada por Lula após os primeiros contatos diretos com Trump se esvai como os vapores que emanam de reações da química sem aspas.

## Tem histórico

O princípio diplomático da reciprocidade dispõe que um país responda de maneira oposta e proporcional a uma medida de outro governo que julgue prejudicial. Sua aplicação é clássica nos casos que envolvem a declaração como pessoa não grata de um emissário acusado de espionagem.

Nas relações entre Brasil e EUA, a prática entrou em pauta em algumas ocasiões desde o primeiro governo Lula. Em 2004, quando os EUA submetiam

a revista minuciosa os estrangeiros que desembarcavam em seus aeroportos — como parte da "guerra ao terror" de George W. Bush —, um piloto norte-americano protagonizou um incidente em São Paulo. Resistiu ao procedimento recíproco e foi detido por desacato.

## Hasta la vista

Declarações reiteradas e contundentes contra a guerra no Oriente Médio deram o tom da visita do presidente a três países da Europa, na entrada da semana. O ponto alto das críticas foi a escala inicial, na Espanha, para um encontro entre políticos do campo chamado "progressista".

Revezaram-se ao microfone Lula e os colegas da Colômbia, Gustavo Petro, e do México, Claudia Sheinbaum. E disputaram

palavra a palavra com o anfitrião, o presidente do Governo (premiê) Pedro Sánchez, o troféu do discurso mais ácido contra Trump e o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu.

Até outubro, Planalto e Itamaraty não planejam nova viagem presidencial ao exterior. Caso reeleito, Lula deverá construir uma agenda externa densa e extensa para aquele que será, então, seu último quadriênio no Planalto.

## "Gancho" na Otan?

O tom de Pedro Sánchez irritou particularmente a Casa Branca e o Departamento de Estado. Por instrução de Trump, o Pentágono — ex-Departamento de Defesa, hoje "de Guerra" — estuda como propor que a Espanha seja suspensa da Otan.

Oficiais do comando da aliança militar, fundada na Guerra Fria sob liderança de Washington, observam, porém, que o "gancho" não é previsto pelo texto do tratado original. Nem a expulsão.

## Entra em campo

O presidente da Fifa, Gianni Infantino, rechaçou de bate-pronto a ideia, levada à autoridade máxima do futebol mundial por um assessor de Donald Trump, de que a Itália, desclassificada em campo, ficasse com a vaga conquistada pelo Irã para a Copa. Italiano de nascimento, Paolo Zampolli invocou "o pedigree" da Squadra Azzurra, tetracampeã, para sustentar a proposta — que o próprio presidente norte-americano teria desautorizado.

Irã e EUA já se enfrentaram em dois Mundiais. Em 1998, na França, os persas venceram por 2 a 1 o "jogo da paz", como ficou conhecido, pela troca de amabilidades entre os times. A revanche veio há quatro anos, no Catar: 1 a 0 para os atuais coanfitriões.

A menos de dois meses para o pontapé inicial no Estádio Azteca, a guerra no Oriente Médio segue em uma espécie de intervalo, sem horizonte para o apito final. Até aqui, a diplomacia entra em campo e garante a prevalência do espírito esportivo. O Irã assegura que vai, os EUA prometem receber.